



Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
Centro de Ciências Sociais

Carolina Fontes Azevedo de Paula

A invisibilização do corpo feminino no espaço público - uma análise da praça
Sarah Kubitschek em Copacabana

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE GRADUAÇÃO
**DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA E
URBANISMO**

Rio de Janeiro
Março de 2023

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
Departamento de Arquitetura e Urbanismo

Carolina Fontes Azevedo de Paula

A invisibilização do corpo feminino no espaço público - uma análise da praça
Sarah Kubitschek.

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação
apresentado ao Departamento de Arquitetura e Urbanismo
da PUC-Rio, como parte dos requisitos para
obtenção do título de Arquiteta e Urbanista.

Professor-orientador: Máira Machado Martins

Rio de Janeiro
Março de 2023

Agradecimentos

Sumário

Resumo.....	6
Introdução.....	7
- Tema.....	7
- Justificativa.....	8
- Objetivo.....	9
Metodologia.....	10
1. Problemas.....	12
- 1.1 Papel da mulher na sociedade.....	12
 - 1.2 O elemento muro.....	13
- 1.3 O medo diário.....	15
- 1.4 Quem tem direito à cidade?.....	16
- 1.5 Estudo de caso (?).....	17
2. Para todas as pessoas.....	19
- 2.1 Participação.....	19
- 2.2 O programado não programado.....	20
- 2.3 Mobilidade.....	21
- 2.4 Segurança.....	22
- 2.5 Esverdear.....	23
- 2.6 Elo comunitário.....	23
3. Categorias de análise.....	24
- 3.1 Físico X Psicológico.....	25
- 3.1.2 Diversidade.....	25
4. Diagnóstico.....	26
- 4.1 Análise do bairro.....	26
- 4.1.1 Uso do solo.....	27
- 4.1.2 Localização.....	29
- 4.1.3 Áreas verdes.....	30
- 4.1.4 Análise da população.....	32
- 4.2 Análise da praça.....	32
5. Considerações finais.....	36
Bibliografia.....	38

"A revolta é um sentimento natural, no qual todos estão sujeitos, não temos porque desanimar. A nossa missão é a de procurar despertar esse sentimento onde estiver adormecido, e

alentando os tímidos, trazê-los à luz onde já esteja desperto."

- Maria Antônia Soares

Resumo

A repressão que as mulheres sofrem é uma pauta extremamente necessária de ser abordada, devido ao fato de vivermos em um país em que a violência de gênero é um dos crimes mais cometidos. **O desacolhimento feminino** nos espaços públicos engloba a discriminação, opressão e restrições que as mulheres enfrentam ao procurar acesso e participação plena em locais públicos, como ruas, parques e espaços de lazer. **Essa repressão** ocorre em vários lugares do mundo, manifestando-se de diversas formas, que vão desde assédio verbal e físico até limitações no acesso a determinados lugares e oportunidades.

Esse trabalho tem como objetivo entender sobre como as mulheres se sentem ocupando os espaços públicos e o que, nós como arquitetas/os e urbanistas podemos fazer para transformar o viver delas nas cidades um ato mais agradável e igualitário. Ao longo do trabalho irei estudar teses que irão me dar suporte para criar um manual de construção de espaços públicos sensíveis ao gênero. Escolhi a Praça Sarah Kubitschek, em Copacabana, como objeto de estudo. Ao final desta monografia analisarei o espaço vendo se ele pode ser considerado um espaço sensível ao gênero, apontando transformações para um espaço onde as mulheres o ocupem de forma plena e ressignifique o viver nas cidades como uma forma de resistência e empoderamento.

Palavras-chave

Teoria feminista; espaço democrático; resistência.

Introdução

- Tema

Me interessei em pesquisar mais sobre a invisibilidade do corpo feminino no espaço público quando reparei que a presença desse assunto é ausente nas salas de aula. Além disso, por ser uma mulher com vontade de vivenciar a cidade de forma plena, esse tema ganhou importância quando comecei a entender o meu papel como arquiteta e urbanista mulher na sociedade.

Se durante todo o curso, principalmente nas aulas de projeto, aprendemos que é essencial a construir para pessoas, logo precisamos entender quem são essas pessoas, não podemos, como futuras arquitetas, idealizar que vivemos em um mundo onde todos são tratados iguais. Se faz extremamente necessário levantar a pauta sobre os diferentes núcleos da sociedade que, infelizmente, ao contrário de homens brancos héteros, não têm o direito pleno à cidade.

Enquanto vivermos em uma sociedade patriarcal continuaremos construindo sempre para o mesmo grupo já privilegiado. Quando deixaremos de ignorar o fato de que os grupos considerados minoritários são na realidade uma maioria que precisa de visibilidade?

O trabalho percorre alguns conteúdos básicos para a conceituação teórica contemporânea sobre feminismo-mulher-espços públicos, escrito com a perspectiva de análise feminista e com recorte de sexo. Por mais que o trabalho foque um um recorte específico, se faz necessário abordar a questão da interseccionalidade. A vivência de uma pessoa num espaço é influenciada não só pelo gênero, ela acaba se atrelando a outros quesitos, como raça, classe social, religião, idade e entre outros, é daí que surge o conceito da interseccionalidade. Essas identidades se entrelaçam e fazem com que as interações das pessoas na sociedade sejam diferentes. Por mais que esse trabalho não fale especificamente da vivência de uma mulher negra de 60 anos de idade, levo em

consideração todas essas barreiras sociais com que faz o cotidiano dela ser totalmente diferente de uma jovem branca de 15 anos de classe média.

Por mais que as mulheres sempre estiveram presentes no mundo, nem sempre ele foi delas, ao invés disso, elas que o pertenciam. A conquista do espaço público feminino, ocorre a partir da necessidade da mulher no mundo do trabalho e por muito de uma luta constante pela sua emancipação. Durante muitos séculos acreditava-se que as mulheres deveriam ficar restritas aos espaços privados, e sobre o domínio dos homens.

A pesquisa busca entender o que faz com que os espaços públicos não sejam receptivos às mulheres e quais são as transformações que podem ser realizadas para que estes se tornem realmente acolhedores e no final utilizará a Praça Sarah Kubitschek como objeto de estudo. Situada em Copacabana, bairro que possui uma grande vitalidade devido ao seu alto índice de pedestres, encontramos uma praça que se contrasta com o bairro.

- Justificativa

Não são todos os grupos da sociedade que se sentem confortáveis andando pela cidade, muito menos as mulheres. O intuito da pesquisa é entender o porquê disso e transformar de fato o espaço público para todos.

Uma pesquisa do CAU-BR de 2019 mostrou que 63,1% dos arquitetos registrados eram mulheres, e esse número é ainda maior quando se trata das estudantes, que eram 67%. A grande questão é se nós mulheres somos a maioria, porque permanecemos projetando cidades que nos excluem, nos modos do patriarcado?

Esse trabalho se direciona para entender o porquê e quais são os fatores projetuais que fazem com que as mulheres não se sintam confortáveis no espaço público e como isso pode mudar. Assim com Santos **(2021)** se propôs a olhar para a cidade sob uma perspectiva feminista, também colocarei esses "óculos" feminista que irá impulsionar mais reflexões teóricas e vivências como mulher enquanto transito pelos espaços públicos.

Por mais que a partir de um momento focarei na Praça Sarah Kubitschek, é de conhecimento geral que esse desconforto feminino ocorre em outras áreas dos espaços

públicos, então ela foi escolhida para ser o objeto de estudo principal, daí serão propostas diretrizes para a sua transformação.

- **Objetivo**

Esse trabalho tem como objetivo investigar os espaços públicos e entender quais são as decisões urbanísticas que atrelado às manifestações humanas fazem com que os espaços não sejam sensíveis ao gênero. Ao criar uma espécie de manual focado em transformar os espaços a partir de alguns elementos para que os espaços se tornem confortáveis para as mulheres, ao longo dele se tornará mais claro como os arquitetos, urbanistas e paisagistas são essenciais para modificar esses espaços e logo assim tornando-se acolhedores a elas. O estudo mostrará que ao construir espaços mais acolhedores para as mulheres, a cidade como um todo tende a se restabelecer mais igualitárias, para todos, homens, mulheres, negros, brancos e LGBTQIA+.

Logo, ele se dá como uma ferramenta de apoio para o desenvolvimento, a avaliação e a execução de praças e parques, assim como também de elementos nos espaços públicos, visando a qualidade e a segurança dos usuários.

Ao criar ambientes mais atrativos e seguros, não só para o usuário como também para quem passar por ali. Ao aumentar a quantidade de pessoas circulando por aquele espaço, mais seguro tende a ser um local. O estudo pretende investigar sobre corpo-cidade, pensar a partir das experiências, caminhos e percepções humanas durante os muitos percursos das cidades, estudo esse similar ao que a Arquiteta e Urbanista Fernanda Sobreiro e Cruz realizou em sua tese de mestrado sobre as mulheres da Rocinha.

Metodologia

Como metodologia do trabalho, busco me apoiar na base do pensamento feminista para compreender a real situação e entender suas lutas, conquistas e direitos. Pretendo compreender melhor o porquê dos espaços públicos não serem tão atrativos às mulheres, quais são os componentes que tornam os espaços hostis e estudar o papel da atuação das pessoas na ocupação das ruas como maneira de trazer mais segurança aos usuários.

Por meio do livro de Jane Jacobs, "Morte e vida das grandes cidades" procuro entender melhor o que realmente é um espaço público e como se torna extremamente necessário a ocupação das pessoas nesses ambientes. Por meio da dissertação de mestrado da arquiteta Fernanda Sobreiro e Cruz, "Mulheres em movimento: Territorialidade, participação comunitária e práticas de resistência na Favela da Rocinha, na cidade do Rio de Janeiro" a utilizo para entender como a questão da corporeidade da mulher influencia o seu viver na cidade.

Assim como se tornou essencial o acesso ao arquivo histórico para apanhar mais detalhes da Praça Sarah Kubitschek, a Fundação Parques e Jardins onde tive a oportunidade de conversar com arquitetas que atuam na criação dos espaços públicos e quais artifícios elas se baseiam para construir uma cidade mais igualitária. Se tornou extremamente necessária uma análise do bairro para poder compreender as qualidades e carências daquele espaço.

Outro método utilizado na pesquisa foram as visitas constantes ao objeto de estudo para poder observar como as relações são realizadas na prática naquele espaço. Dessa maneira pude alinhar os estudos realizados ao que de fato acontece na realidade da Praça Sarah Kubitschek. Bem como foi fundamental realizar entrevistas e formulário com a população do bairro e a criação de um formulário onde todos que passarem pela praça pudessem escanear o QR Code e responder.

Buscando entender mais como o urbanismo feminista se desenvolve Brasil a fora, descobri a cooperativa Col·lectiu Punt 6, situada em Barcelona (Espanha). O grupo desenvolve um planejamento urbano com uma perspectiva feminista, onde sugere estratégias para modificar as típicas divisões das cidades capitalistas e patriarcais. Elas

destacam a importância de repensar os espaços públicos com base na experiência da vida cotidiana.

Utilizo também como material de apoio o livro, “Manual de construcción y requisitos mínimos para parques, plazas, áreas verdes y áreas deportivas”, desenvolvido pelo Ministério da Habitação e Urbanismo do Governo Chileno.

1. Problemas

- 1.1 Papel da mulher na sociedade

Se faz extremamente importante estudar o papel da mulher ao longo dos séculos, para podermos entender o porquê de em pleno século XXI, nós ainda não termos total liberdade para circularmos por onde bem entendermos com segurança e tranquilidade.

É impossível falar do corpo feminino sem mobilizar a questão de gênero, por mais que o meu trabalho possua um recorte em relação ao sexo feminino e não ao gênero, se torna necessário compreender um pouco mais do conceito para visualizar melhor a questão que está sendo levantada.

Na década de 1970, o conceito de gênero foi desenvolvido pelo movimento feminista, ele deixa de lado o determinismo biológico, sendo esse ditado pela a seu órgão reprodutor, e leva em cosideração a seu caráter social. Em sua essência, ele compreende que as interações entre gêneros não são determinadas exclusivamente pela biologia ou pela natureza, mas sim são formadas através de fatores históricos e sociais. É por essa razão que essas interações são sujeitas a mudanças ao longo do tempo.

Compreender o conceito de gênero permite entender melhor como são realizadas as relações sociais. Quando falamos da história das mulheres, consequentemente falamos das história dos homens. Ao longo dos anos, diferentes contexto históricos definiam quais eram os papéis dos homens e das mulheres na sociedade, é perceptível que havia uma grande diferença, onde enfatizava uma divisão sexual do trabalho e da vida social.

De acordo com a obra de Mary Wollstonecraft, "Vindicação dos direitos da mulher", em 1792. **Apesar de acreditar que no mundo físico o homem era superior à mulher, denunciava que os homens aproveitavam-se desta superioridade para “nos afundar ainda mais, tornando-nos objetos atraentes por um momento”.** Foi a partir do século XIX, que começou a ser difundido o conceito da emancipação feminina, porém foi no mesmo século que ocorreu a afirmação do poder masculino sobre o feminino, com o livro de Jean-Jacques Rousseau, Emílio ou Da Educação.

Dentro do feminismo existem algumas teorias que falam sobre como os espaços públicos tendem a ser hostis ao corpo feminino. A Teoria do Espaço Público Masculinizados fala justamente de como os espaços públicos são historicamente dominados pelos homens e que reflete as suas experiências, necessidades e perspectivas. O conceito é que esses ambientes foram moldados pelas normas de comportamento masculinas, onde a agressividade e a competição imperam.

- 1.2 O elemento muro

Partindo do questionamento do porquê as pessoas não se apropriam dos espaços públicos, a grande questão é, devido ao fato deles não serem seguros ou eles não são seguros pois ninguém os ocupa? No livro "Cidade de muros", a antropóloga Teresa Caldeira escreve bastante sobre essa necessidade da população da criação de cidades muradas, e como de uma certa maneira os espaços que antes eram públicos acabam sendo privatizados para uma maior sensação de segurança.

Na obra, Caldeira fala mais especificamente sobre os condomínios e de onde se originam essa fixação na construção deles, essa constância no aumento dos índices de violência nos leva a compreender de onde vem essa vontade da criação de áreas de moradias muradas. o aumento nos números de violência nas cidades faz com que as pessoas tendem a se isolar nesses muros desses fatos e consequentemente se segregando das outras parcelas da população.

O espaço público já possui uma relação diferente com esses tipos de construções, quando você cria um muro com o intuito de proteger o espaço, você pode gerar justamente o contrário, pelo fato das pessoas não conseguirem ler um certo espaços, elas não se sentem à vontade para entrar e se apropriar dele. A praça que utilizo como objeto de estudo possui um muro altíssimo, de aproximadamente 5 metros de altura em sua entrada principal.

O desejo de estudar esse espaço se derivou justamente por uma curiosidade de saber o porquê da construção de uma barreira tão grande em plena Avenida Nossa Senhora de Copacabana, simplesmente numa das ruas mais movimentadas do bairro. Acredito que o primeiro desejo de um projetista é que o seu projeto seja utilizado pelo

público, que ele possa atrair o maior número de pessoas possível, principalmente numa praça pública. O muro cria um bloqueio, de uma certa maneira, uma ruptura entre a praça e a população.

A praça não foi criada com o muro, ela já existia antes dele. No início ela possuía um caráter muito paisagístico, onde possuíam belíssimos jardins, porém foi implantado na praça um enorme painel de Millôr Fernandes, personalidade conhecida por suas diversas facetas artísticas, era desenhista, humorista, dramaturgo, escritor e entre outros. O painel homenageia a invenção do Frescobol que ocorreu na praia de Copacabana. A partir do painel sentiram a necessidade de murar a praça.

Atualmente existem diversos abaixo-assinados de moradores e frequentadores da região pedindo para que os muros sejam retirados, visto que ele traz insegurança ao local, gera becos em paralelo da praça, também pelo fato do painel não ter sido de fato pintado pelo artista, e sim por uma máquina.



<https://www.facebook.com/lamenhood/photos/a.662024717973237/1061159844726387/?type=3>

- 1.3 O medo diário

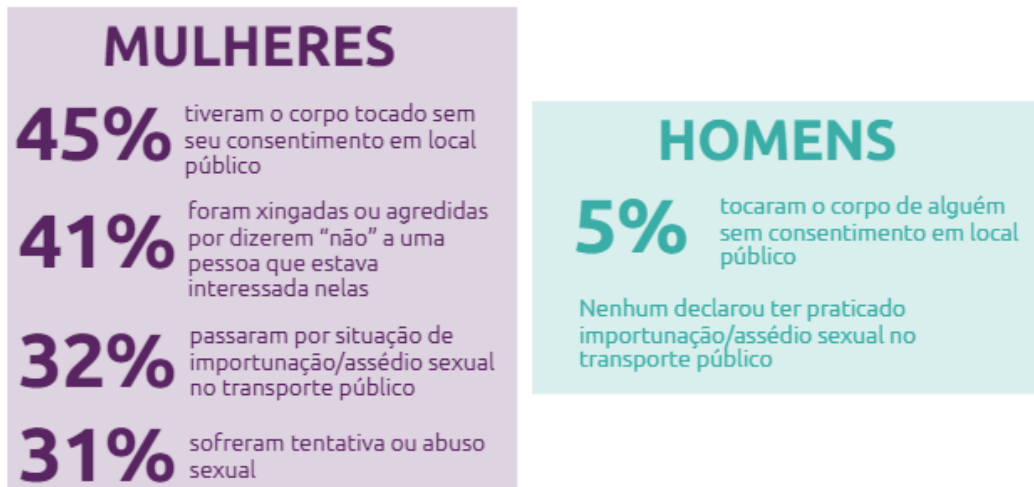
Como mulher fui ensinada desde cedo que teria que tomar cuidado com todos os lugares que eu fosse, principalmente nos espaços públicos. Assédio é uma parcela dos relatos diários que as mulheres sofrem pelo simples fato de estarem nas ruas. Infelizmente, estar fora de casa torna as coisas muito mais difíceis.

Com uma simples pesquisa no google descobri que nós, mulheres, somos a maioria na nossa profissão e porque será que mesmo assim ainda construímos cidades onde não nos sentimos seguras e livres para ocupá-las? Alguns pontos podem ser facilmente apontados durante a investigação desse problema, no meu ponto de vista, o maior de todos é que por mais que sejamos maioria em número, ainda somos a minoria na questão de representatividade, ainda ocupamos poucos lugares de importância. Dentro da própria universidade, poucas são as professoras mulheres, nas premiações, nem mesmo as indicações chegam a ser igualitárias. Por mais que sejamos maiores em números, ainda somos doutrinadas por cabeças/ideais masculinas, que só quem está no meio profissional da arquitetura, sabe como tendem a ser misóginos.

A violência física ou psicológica está no imaginário de quase todas as mulheres, possuímos um grande receio de frequentar lugares que não conhecemos sozinhas, andar pelas ruas de noite desacompanhada apenas consideramos se for um lugar que dominados na palma de nossas mãos. Infelizmente o medo está constantemente em nossas mentes, devido ao fato de vivermos em uma sociedade onde o patriarcado configura-se como uma poderosa estrutura que influencia as dinâmicas de afeto e dependência nas nossas relações.

Segundo a pesquisas realizadas pelo Instituto Patrícia Galvão, quase metade das mulheres entrevistadas já tiveram seus corpos tocados sem consentimento em locais públicos. Esse dado só reforça a teoria de que quando uma mulher se encontra em espaço público, o corpo dela se torna público, enfatizando que elas acabam sendo interpretadas como bens públicos. As informações levantadas na pesquisa *“Percepções sobre controle, assédio e violência doméstica: vivências e práticas”*, traz informações sobre outros tipos de violência além da física, como também a psicológica e verbal. É importante ressaltar que 1.200 pessoas foram entrevistadas por telefone, sendo eles 800 homens e 400 mulheres, de 16 anos ou mais.

Práticas invasivas, importunação, perseguição e assédio sexual: percepções de mulheres e homens



Fonte: [Violência contra a mulher em dados | Quase metade das mulheres já teve o corpo tocado sem consentimento em local público](#)



Ao analisar os dados apresentados acima vemos uma grande divergência entre as respostas dos dois grupos entrevistados. 45% das mulheres alegaram já ter seus corpos violados sem consentimentos em espaços públicos enquanto apenas 5% dos homens entrevistados alegam terem realizados tais atos. Muitas vezes os assédios não são denunciados ou levados a sério pois uma parcela da população não acredita na vítima.

Esse tipo de violência se encaixa como de gênero, que é quando o ato é ocasionado ocorrer especificamente com base no gênero de uma pessoa. Essa violência é muito mais comum a meninas e mulheres, por mais que possa afetar a homens e pessoas não binárias.

- 1.4 Quem tem direito à cidade?

No Brasil possuímos uma lei que tem como objetivo estabelecer regras para que a propriedade urbana cumpra a sua função social. O Estatuto da Cidade foi desenvolvido para fomentar um desenvolvimento mais democrático, sustentável e mais justo. A Lei Federal dá ênfase à importância participação da comunidade na definição das diretrizes para o desenvolvimento urbano e na elaboração dos planos diretores, que são ferramentas essenciais para o ordenamento do uso do solo nas cidades. O processo de urbanização



brasileira se deu de forma acelerada, fazendo com que exclusão, segregação e informalidade são realidades enfrentadas por uma parcela da população. A construção do direito à cidade está diretamente relacionada à apropriação dos espaços públicos (Amanajás & Klug, 2018).

Apagar uma passagem do tempo é fazer um falso histórico (L. C. Campos, 2023), não adianta “resolver” os problemas da desigualdade urbana e simplesmente fingir que nada existiu. Se faz extremamente necessário deixar bem claro que essa lacuna foi preenchida com o tempo.

A teoria do planejamento urbano sensível ao gênero tem como objetivo incorporar as perspectivas e necessidades das mulheres no planejamento e design urbano. Essa perspectiva reconhece que o ambiente urbano frequentemente perpétua e amplifica as desigualdades de gênero, resultando em consequências desproporcionais para a vida e segurança das mulheres.

Em suma, a teoria demonstra a negligência das experiências e preocupações femininas nos espaços públicos, o que tende a tornar o viver nesses ambientes menos seguros e acolhedores. Normalmente alguns pontos são levantados quando se busca a solução para esse problema, como o melhoramento da iluminação pública, o alargamento das calçadas, o aumento de rotas seguras para pedestres, a ampliação dos meios de transporte são pontos que fazem com que diminua a vulnerabilidade à violência.

O Planejamento Urbano Sensível ao Gênero possuem alguns pontos-chaves que podem ser agentes transformadores no meio urbano, questões como acessibilidade e mobilidade, segurança urbana, espaços públicos inclusivos, habitação, uma maior participação da sociedade nas decisões tomadas para as cidades e a questão da criação de oportunidades de empregos que incluam as pessoas mais marginalizadas no mercado de trabalho.

- 1.5 Estudo de caso (?),

Fazendo um paralelo a Praça Sarah Kubitschek, estudo de caso escolhido para esta pesquisa, a falta de iluminação, os altos muros presentes, a pouca diversidade de atrativos na praça fazem com que esse espaço seja pouco escolhido por elas. Se torna extremamente importante a criação de espaços inclusivos dentro das áreas públicas, acolhedores e que visam atender as necessidades de todas as comunidades. Ao criar áreas

de descanso mais confortáveis, conseqüentemente aumenta o tempo de permanência das pessoas nesses espaços.

É interessante ressaltar que a Teoria do Espaço Público Masculinizado, mesmo não sendo uma teoria formal reconhecida na academia, destaca a importância de reconhecer e desafiar essas desigualdades de gênero no espaço público. Propõe a necessidade de transformar o planejamento urbano, a infraestrutura e as normas sociais para criar espaços mais inclusivos, seguros e acolhedores para todas as pessoas. Isso envolve a promoção da diversidade, a garantia de representação equitativa e a criação de ambientes que atendam às necessidades e experiências de todos os indivíduos, independentemente do seu gênero.

Um ponto essencial para a gerar o sentimento de pertencimento no espaço é a visibilidade e representação. Muitas vezes as mulheres possuem suas representações limitadas no espaço público . A ausência da representação nos espaços públicos, como em praças, parques e monumentos contribuem para uma invisibilidade feminina, e até mesmo para um sentimento de exclusão. Esse ponto é extremamente importante na crítica da praça que estou abordando, ela homenageia uma mulher, a Sarah Kubitschek, e ao mesmo tempo que ela não atrai tanto o público feminino, seus muros trazem uma impermeabilidade visual que gera receio em quem utiliza o espaço.

A questão da importância da legibilidade dos espaços urbanos e como a sua interrupção pode fazer com que as pessoas, principalmente as mulheres, não se sintam atraídas e até mesmo confortáveis a utilizar o espaço, a praça em questão possui um muro que faz com que os pedestres não possuam uma legibilidade do espaço quando estão fora dele.

2. Para todas as pessoas

Para desenvolver um espaço que seja sensível ao gênero, se faz necessário se atentar a algumas etapas. Entender as falhas relacionadas à mobilidade urbana, ao desenho dos espaços públicos, à sensação de segurança, e ao planejamento da rede de equipamentos e serviços são essenciais para conseguirmos dar visibilidade aos problemas existentes e traçarmos estratégias eficazes de resolução.

É fundamental entender quem são as pessoas que usam aquele espaço, quais são suas características, gênero, idade, renda, etnia e entre outros, para daí entendermos quais são as expectativas dos usuários com aquele local. O trabalho busca a promoção da inclusão da perspectiva de gênero no planejamento urbano da cidade como guia para integrar a igualdade na vida cotidiana das pessoas.

Uma política que vise a igualdade de gênero nos espaços públicos não parte apenas de partidos arquitetônicos, se faz essencial a promoção de diversas ações, como uma maior representação e participação política das mulheres, um incentivo nas questões empregatícias, acesso a arte, mídias e a educação, um real amparo às denúncias realizadas principalmente sobre crimes relacionados a violência de gênero, segurança social, habitações dignas e uma ampla rede de mobilidade urbana, tendo que contemplar vários níveis.

Ao longo das minhas leituras e da minha formação aprendi que ninguém constrói nada sozinho, e para que eu consiga criar diretrizes para auxiliar na criação de cidades sensíveis ao gênero, é indispensável perceber a importância de cada etapa, por isso proponho algumas que são essenciais ao meu ver.



- 2.1 Participação

“A cidade é um texto a ser decifrado.
Como corpo, a cidade é vivida; como figura,
pode ser descrita; como texto, é lida.” - Dubois

Assim como eu falei anteriormente, quando projetamos algo, projetamos para alguém e é fundamental entender que é esse público. As pessoas tendem a ter um sentimento de preservação e fiscalização maior quando elas se sentem pertencentes ao

desenvolvimento de um espaço, por isso é importante incluí-las nesse processo. Dando voz a todos os grupos envolvidos na consulta. Dessa maneira se torna possível entender as demandas e conseguir captar decisões arquitetônicas que não seriam tão úteis, visto que a participação desempenha um papel fundamental na identificação de desafios e no desenvolvimento de soluções inovadoras.

A cidade de Viena é conhecida por possuir um plano urbanístico sensível ao gênero, devido às várias políticas e iniciativas que adotou para promover a igualdade de gênero e tornar a cidade mais inclusiva para todos os gêneros. A prefeitura criou um documento chamado “Gender mainstreaming made easy”, no qual explicitam maneiras de transformar a cidade mais igualitária.

Assim como a minha proposta, Viena mostrou que é essencial não só conhecer os usuários como também entender o porquê de nem todos ocuparem os de maneira plena os espaços públicos. Ao longo das reuniões realizadas entre os estudantes, visto que o espaço a ser projetado ficava próximo a uma escola, e o grupo de urbanistas, eles questionaram o porquê das meninas não se apropriarem do espaço. A cada reunião era elaborado um relatório onde eles chegavam a algumas respostas, e em um deles, eles chegaram a conclusão que 70% das meninas achavam que não era sensato tentar compartilhar espaços com os meninos mais velhos. Relataram que com frequência, os atos de rejeição vinham acompanhados de comentários de cunho sexual e ameaças, podendo ocorrer também agressões sexuais reais.

É importante ressaltar que a construção daquele espaço terá na hora de fomentar o emprego para as pessoas que tendem a ser excluídas ou prejudicadas no mercado de trabalho. Quem sabe dar prioridade, ou até mesmo aceitar apenas a empresas que já possuem uma paridade de gênero em sua estrutura na hora da licitação. Promover até mesmo lideranças locais femininas para “tomarem” frente do espaço público, trazendo mais uma vez a participação da população para o espaço, não ficando apenas na parte projetual.

- 2.2 O programado não programado

O planejamento de um espaço público deve levar em consideração os múltiplos usos que ele poderá promover, visto isso, eu acredito que um espaço de qualidade é aquele que visa a autonomia do usuário e é claro a sociabilização. A vitalidade do espaço não vem só na diversificação dos usos, como também na diversidade do público. Geralmente as

praças tendem a possuir elementos que atraem pessoas de idades diferentes, como brinquedos para crianças, quadras poliesportivas, equipamentos de ginástica para os adultos e academia da terceira idade para os idosos. É interessante ver que por mais que um espaço tenha sido “programado” para uma certa ação, a mente humana sempre consegue criar novas funções para os espaços. Visando sempre em desenvolver áreas de lazer e espaços esportivos que atendam às necessidades de diversas faixas etárias e suportam uma variedade de atividades.

É essencial que por mais que idealizemos o uso mais espontâneo do ambiente possível, se faz necessário dispor de elementos que façam com que as pessoas se sintam atraídas a não só frequentar como também a permanecer nesses locais. Se queremos atrair um público de recém nascidos e crianças, é necessário criar locais onde seja confortável o suficiente para os seus acompanhantes esperarem. Áreas sombreadas, com mobiliários confortáveis e acessíveis, dispor de pontos com maior incidência solar, banheiros públicos familiares e não, e até mesmo pontos de fraldário. Por que não pensar em ocupar nossas praças com práticas que usualmente ocorrem em lugares fechados, com danças e apresentações.

- 2.3 Mobilidade

Por mais que essa tese seja mais voltada para o aperfeiçoamento do desenho e da criação de praças e parques públicos, estes não são elementos isolados na cidade. Eles são mais alguns dos elementos que constroem as áreas comuns das cidades. Um fator de extrema importância a ser considerado é a questão da mobilidade urbana.

Assim como a arquiteta **Raquel Rolnik** apontou, a violência de gênero define horários e percursos, muitas vezes é preferível percorrer um trajeto maior do que outro devido ao fato de ser mais movimentado. Acredito que o fato de um local estar próximo de uma mobilidade urbana ativa é um fator fundamental para o seu sucesso. Estar em uma área de cidade em que possua uma rica gama de meios de transporte, calçadas acessíveis, pontos de paraciclos dispostos próximo das praças e ciclovias possibilitam a permanência de um entorno mais seguro, visto que a movimentação de pessoas será maior.

A mobilidade ativa é classificada como uma opção de transporte sustentável e saudável, uma vez que traz vantagens para o meio ambiente e para o bem-estar das pessoas. Ela acaba ocasionando uma diminuição do trânsito na cidade. Caso ela não seja muito forte, se faz necessário priorizar/estimular a mobilidade do pedestre por meio de

melhorias nas calçadas, melhores sinalizações, para que as pessoas possam se locomover sempre sabendo para onde estão indo e é claro melhorias nas redes cicloviárias.

Quando falamos de mobilidade é relevante levarmos em consideração a demanda de todos que usam os espaços urbanos, incluindo idosos, pessoas dependentes e com deficiências. Criar ruas que sejam realmente acessíveis a população, pensar num desenho urbano tátil, travessias que possuem uma melhor visibilidade e mobiliários urbanos que permitam uma pausa de descanso no percurso urbano. Esses elementos irão gerar uma mobilidade mais ativa e consequentemente atrair mais pessoas para as ruas, trazendo maior movimento e sensação de segurança para todos.

- 2.4 Segurança

A percepção de segurança é também um elemento a ser elencado quando queremos planejar cidades mais sensíveis ao gênero. O objetivo central deste estudo é que todos se sintam seguros para usufruírem dos espaços urbanos da forma mais plena possível, a qualquer hora do dia.

O ideal é ver e ser visto, por isso que a questão da permeabilidade visual é de suma importância. Diversos elementos têm que ser analisados quando desenhamos espaços públicos. A teórica e ativista **Jane Jacobs** já apontava a importância das fachadas ativas e da relevância dos usos mistos nos edifícios. Deve ser pensado com cuidado as vegetações escolhidas para que não acabe gerando uma barreira visual, qual tipo de muro se utilizará, se a alvenaria toda maciça não pode ser substituída por grades ou cobogós.

Promover a visibilidade espacial a partir de projetos onde os edifícios e espaços para que haja uma ligação visual permite com que as pessoas possuam uma maior legibilidade do ambiente. Assim como foi citado no tópico de mobilidade, a sinalização é um fator super importante quando falamos de segurança, é essencial saber onde você está e para onde vai.

A iluminação também é um fator significativo da apreensão de passar por uma rua mal iluminada. O que significa concretamente a impossibilidade do pleno direito de ir e vir, um direito básico, mas presente apenas no deslocamento dos homens brancos.

- 2.5 Esverdear



O grande objetivo desse tópico é mostrar a importância de aumentar a densidade e a diversidade das áreas verdes urbanas. É imprescindível a conservação dos espaços verdes e a democratização deles, pois poucas são as áreas da cidade do Rio de Janeiro que possuem essa riqueza vegetal. Então quando falamos de adensar as regiões com mais árvores, pensamos não só na questão estética, como principalmente na qualidade de vida dos moradores.

O aumento do plantio de árvores nas cidades melhora substancialmente a qualidade do ar, auxilia na redução das ilhas de calor, aumentam a biodiversidade urbana, visto que oferecem moradia/habitat e alimento para diversos animais. A presença de árvores também ajuda a melhorar a saúde mental, podem atuar como barreiras naturais de som e um dos benefícios mais importantes para esse trabalho, é que elas fomentam a coesão social.

Uma pesquisa realizada pela Science Museum Group mostrou que o mundo vem perdendo a cor, com o passar dos anos, ele vem se tornando cada vez mais cinza, deixando para trás os tons vibrantes que antes preenchiam o cotidiano. Por mais que esse tópico seja mais focado na questão da diversidade do verde urbano, acho essencial colorirmos mais as nossas cidades, diversos estudos apontam que o uso de cores no nosso dia a dia tendem afetar positivamente o nosso viver e o psicológico.

- 2.6 Elo comunitário



Ao criarmos espaços públicos saudáveis e atrativos a todos, conseguimos fazer com que mais pessoas ocupem a cidade. Essas modificações nas cidades são essenciais para que sejam gerados elos comunitários, responsáveis por facilitar a coesão social, fazendo com que os indivíduos se conheçam, cooperem e construam relacionamentos. Essa coesão é essencial para o senso de pertencimento e identidade da comunidade.

Importantes também pois eles são capazes de manter a vitalidade de um lugar público, pois normalmente têm a força de mobilizar recursos, organizar eventos e atuar como representantes da comunidade. São essenciais na construção de uma comunidade forte e coesa. O ideal é promover os espaços de encontro, tanto os abertos quanto os fechados, para incentivar a interação entre as pessoas por meio da combinação de diferentes usos. Buscando sempre a coexistência de diferentes usos e atividades.

3. Categorias de análise

O medo é uma emoção inerente ao ser humano, sua percepção é baseada nas relações sociais, experiências pessoais e até mesmo na dos outros, o contexto cultural em que a pessoa está inserida é extremamente importante, pois em culturas diferentes as percepções são distintas. A compreensão dele é influenciada por uma variedade de elementos, e algumas principais são a observação do comportamento dos outros, as interações com as pessoas e grupos, as crenças e valores compartilhados na sociedade, assim como as vivências pessoais influenciam a interpretação e a reação ao medo. A exposição constante a relatos de casos de violência sexual contribui expressivamente para o sentimento de medo, dessa maneira as mulheres veem não só como uma estatística como uma ameaça real em suas vidas.

O medo, particularmente o de ser agredida ou sexualmente violentada, é influenciado por uma série de fatores culturais, sociais e estatísticos que estão enraizados em muitas sociedades. Assim como a vimos anteriormente, com o passar dos anos, o corpo feminino era associado a uma imagem mais frágil e delicada, muitas culturas ainda associam a sexualidade feminina à pureza. As mulheres recebem uma educação, transmitida de geração para geração, sobre a importância de se protegerem e sobre o potencial perigo de violência sexual desde jovens.

Os espaços públicos podem desencadear diversos sentimentos na população, essa informação é complexa e requer uma análise mais minuciosa sobre os espaços. A relação entre espaços públicos e o sentimento de medo é influenciada por vários fatores, incluindo o design urbano, iluminação, presença de pessoas e questões sociais. 

Neste capítulo, meu objetivo é criar uma conexão entre as análises de praças e experiências de grupos sociais, complementando essas informações com os resultados de estudos de campo. Durante o trabalho busquei observar de perto como as pessoas interagem com diversos espaços públicos. Com base nessas observações, meu objetivo é enriquecer nossa compreensão sobre o papel essencial que os espaços desempenham na vida diária das comunidades e como as interações que ocorrem nesses locais têm o potencial de moldar a dinâmica social.

- 3.1 Físico X Psicológico

É importante se sentir protegido tanto fisicamente quanto psicologicamente. Foi a partir dessa frase que comecei a destrinchar esse topo, o que nos faz sentir realmente seguros? Quando que o medo psicológico realmente é um fator que pode influenciar o explorar da cidade de uma mulher. Cabe a nós arquitetas podemos identificar e intervir para que os espaços sejam sensíveis ao gênero.

- 3.1.2 Diversidade

A importância da diversidade já foi ressaltada diversas vezes ao longo dessa dissertação, porém agora irei explorar a

A presença de pessoas é essencial para a construção de espaços seguros, pois a interação social e a sensação de coletividade muitas vezes contribuem para uma maior sensação de proteção. Entretanto, quando uma mulher se encontra em um ambiente predominantemente ocupado por homens, essa dinâmica pode mudar de forma significativa. A questão central aqui é a dinâmica de gênero.

Quando em ambientes onde a maioria dos usuários são homens, as mulheres podem enfrentar desafios diferentes. A sensação de estar sendo vigiada, de serem “diferentes” é extremamente desconfortável, nesse caso é importante lembrar a questão da interseccionalidade, que dependendo da junção de seu gênero com outros quesitos, sua presença no espaço pode ser muito mais incômoda. Uma massiva presença de homens, pode fazer com que as mulheres se sintam inibidas de usar os espaços, esperando que algo pior aconteça.

Começa agora um desafio para a promoção da igualdade de gênero e para a construção de espaços verdadeiramente seguros e acolhedores a todos. A questão é, se as mulheres se sentem mais seguras quando estão cercadas de outras mulheres, como podemos atrair esse público para as praças?

Se queremos atrair cada vez mais públicos diversos, se faz necessário espaços que visem a pluralidade dos usos, a quadra poliesportiva pode ser um exemplo, por mais que ela tenha sido projetada com um uso bem específico, seu espaço pode acolher outras

Os múltiplos usos são essenciais para a dos espaços, o uso espontâneo das praças é um passo importante para estimular o sentimento de pertencimento da comunidade. Aparelhos de ginásticas que podem servir tanto para se exercitar, como de brinquedos para criança, suportes para exposições.



4. Diagnóstico

- 4.1 Análise do bairro

Por se tratar de um trabalho que busca entender e desmistificar a invisibilização do corpo feminino nos espaços públicos, principalmente nas praças, proponho uma análise mais minuciosa tanto do bairro quanto de meu estudo de caso. Nesta terceira fase se torna fundamental compreender o espaço e para poder validar e responder o meu objeto de estudo.

Ao desenvolver qualquer projeto, seja ele de arquitetura ou urbanismo, é essencial entender tanto para quem estamos projetando quanto o contexto em que o projeto será implementado. Realizar a leitura correta do local é primordial na criação dos espaços para que eles possam atender às necessidades e expectativas da comunidade, sem contar que dessa maneira é mais fácil respeitar a identidade e aspectos daquele local.

A praça que está sendo utilizada com estudo de caso, é a Sarah Kubitschek, localizada na zona sul carioca. Sua localização é conhecida por sua grande diversidade cultural, densidade populacional e características geográficas. Entender o contexto na qual ela está localizada é essencial para começarmos a destrinchar quem será o público e quais são as ações realizadas naquele local que será substancial para a vitalidade daquele espaço. Copacabana é um bairro muito movimentado, seja pelos moradores locais, pelos trabalhadores e até mesmo pelos turistas, essa informação já traz um direcionamento de que as expectativas e necessidades serão diversificadas, visto que o público é bastante plural.

Estudar o bairro é primordial para realizar a melhor análise possível da praça Sarah Kubitschek, dessa maneira poderei concluir se aquele espaço é um local mais propício para encontros, um espaço de lazer ou para eventos culturais ou esportivos. Pois desse modo poderei entender como esse espaço público se encaixa na vida de da comunidade, e de que forma ela pode ser aproveitada da maneira mais adequada. O objetivo principal deste trabalho não é gerar uma abordagem que vise modificar apenas a parte estética, mas sim a função social do espaço público.

- 4.1.1 Uso do solo

Copacabana, assim como os seus bairros vizinhos possuem um caráter residencial e pela intensa vida nas ruas. A zona sul carioca sempre teve uma tradição de vida urbana ativa, onde as pessoas se encontram e socializam nos espaços públicos. As ruas servem de cenário principal para esses encontros, e por isso é essencial o sentimento de conforto e pertencimento de todos nesses espaços.

Por mais que o bairro possua bastante vida e movimento em suas ruas e um alto caráter residencial, a praça Sarah Kubitschek não parece aproveitar todo o seu potencial. O terreno é cercado por edifícios residenciais de alto gabarito e comércio, que oferece uma oportunidade para promover uma maior integração entre os usuários do bairro. A praça pode vir a se tornar um ponto de encontro e convívio, enriquecendo mais ainda a vida do bairro.



- Uso do Solo
- Afloramentos rochosos e depósitos sedimentares
 - Áreas agrícolas
 - Áreas de comércio e serviços
 - Áreas de educação e saúde
 - Áreas de exploração mineral
 - Áreas de lazer
 - Áreas de transporte
 - Áreas industriais
 - Áreas institucionais e de infraestrutura pública
 - Áreas não edificadas
 - Áreas residenciais
 - Áreas sujeitas à inundação
 - Cobertura arbórea e arbustiva
 - Cobertura gramíneo lenhosa
 - Corpos hídricos
 - Favela

- 4.1.2 Localização

A praça em questão é um espaço público localizado no bairro de Copacabana, na zona sul do Rio de Janeiro. Com uma área de 957 metros quadrados, atualmente abriga a praça Sarah Kubitschek. A localização estratégica dessa praça e suas características morfológicas a tornam um ponto importante na dinâmica urbana do bairro.

Morfológicamente, a praça é circundada por edifícios, o que a torna uma área de refúgio com vegetação e tranquilidade em meio ao caos urbano de Copacabana. Sua posição em uma das ruas mais movimentadas do bairro, a Avenida Nossa Senhora de Copacabana, a torna um local de destaque, tendo potencial para atrair tanto moradores locais quanto visitantes.



A acessibilidade à praça é uma de suas vantagens notáveis. Ela é bem servida em termos de transporte público, com a estação de metrô Cantagalo nas proximidades, permitindo fácil acesso para quem utiliza o sistema de metrô da cidade. Além disso, a presença de diversos pontos de ônibus nas proximidades facilita o deslocamento de pessoas que dependem do transporte coletivo.



O entorno da praça é caracterizado por edifícios de alto gabarito, a maioria dos quais possui uso misto, o que significa que a área é uma mistura de residências, comércio e serviços. Essa diversidade de usos torna o local dinâmico e atrativo para uma ampla gama de atividades e público.



Essa praça teria um papel fundamental na vida urbana, tendo o potencial de proporcionar espaços de encontro, lazer e recreação não só para a comunidade local, como também para os diversos turistas que o bairro recebe mensalmente. É sempre importante realçar o quão rico as praças tornam os espaços urbanos, elas possuem o poder de incentivar o fortalecimento dos elos comunitários, um espaço público bem cuidado favorece o aumento do sentimento de pertencimento dos residentes do bairro.

- 4.1.3 Áreas verdes

Em uma área da cidade conhecida por sua extrema densidade populacional, o terreno possui uma quantidade considerável de arborização, algo que é uma característica marcante das praças em Copacabana. A presença de vegetação em meio a áreas urbanas excessivamente povoadas tem um papel importante na qualidade de vida dos moradores.



Uma característica marcante na maioria dos bairros da zona sul do Rio de Janeiro é a alta densidade de cobertura vegetal, e em Copacabana não é diferente. As árvores e áreas verdes nas ruas, especialmente nas perpendiculares, vias locais e vias coletoras, contribuem para a melhoria do microclima urbano.

As praças, como a mencionada anteriormente, são verdadeiros pontos verdes em Copacabana. Elas oferecem um ambiente natural no meio da selva de concreto, oferecendo um local para descanso, diversão, convívio social e contato com o mundo natural. Portanto, a presença de vegetação, tanto em praças quanto nas ruas de Copacabana, desempenha um papel multifacetado na promoção de uma cidade mais saudável, agradável e sustentável.



- 4.1.4 Análise da população

Pesquisa realizada pela Fundação Getúlio Vargas em 2010. O salário mínimo da época era 510 reais.

COPACABANA

Renda per capita - População total: 3.032 reais

Renda per capita - Favelas: 489 reais

TIJUCA

Renda per capita - População total: 2314 reais

Renda per capita - Favelas: 369 reais

SANTA CRUZ

Renda per capita - População total: 448 reais

Renda per capita - Favelas: 322 reais

- 4.2 Análise da praça

O livro “Morte e vida das grandes cidades” de Jane Jacobs se tornou essencial para o desenvolvimento desse trabalho, pois ele me permitiu fazer a ponte entre o espaço propriamente dito e a teoria. Um dos conceitos apresentados pela escritora no livro é o de “olhos da rua”. O principal aspecto de um centro urbano próspero é que as pessoas se sintam seguras e protegidas nas ruas, mesmo estando cercadas por desconhecidos. Quando uma rua ou calçada é frequentemente utilizada ou ocupada por atividades, sua utilidade aumenta.

Os moradores observando pelas janelas, os comerciantes em frente aos estabelecimentos e os transeuntes desconhecidos que circulam pelas calçadas – o simples fato de haver movimento próximo à rua já torna o espaço mais seguro e acolhedor. Isso implica que, mesmo com a presença de pessoas desconhecidas, a sensação de segurança é ampliada.

Vista de relance dificilmente é possível entender o que esse lugar/prça. Seus muros a protegem, ou dependendo do seu ponto de vista, escondem de quem passa. Nesse local pode possuir tudo de melhor, porém ele só se torna realmente vivo quando as pessoas o frequentam. Rodeada de prédios com uso misto, ou seja moradia com uso comercial, já possui facilmente um **público** para “vigia-la”, vasto comércio ao redor, uma grande oferta de meios de transporte, sendo eles, van, metrô, ônibus e bike itau.

A praça Sarah Kubitschek definitivamente está num lugar privilegiado, localizada em uma parte acessível do bairro, possui algumas opções de lazer porém seus muros a tornam isolada da grande movimentação de Copacabana. Um bairro tão denso, seja de pessoas, construções, usos e automóveis, porém um espaço tão vazio de frequentadores que acaba gerando um contraste com o seu entorno, se ela possui de tudo para ser atrativa, ela acaba se isolando.

Aliás, será que é realmente necessário a construção de um muro para proteger o espaço? Essa sensação de segurança não consegue ser transmitida/passada por outros meios? Assim como foi apresentado anteriormente, quando criamos uma impermeabilidade visual do objeto de estudo com as pessoas/pedestres, iremos totalmente contra ao conceito que viria a fundamentar a escritora Jane Jacobs, já que um espaço se torna seguro quando ele é visível aos olhos das ruas. **(A jornalista foi fundamental para o debate entre a relação que existe sobre a apropriação dos espaço públicos e a sensação de segurança.)**

Podemos por fim simplificar o conceito de Jacobs como existe uma grande importância da apropriação das pessoas nos espaços para a segurança daquele lugar, pois elas acabam se tornando vigias da segurança pública. Porém a dúvida que ainda paira no ar é se mesmo com todos esses olhos nas ruas o porque dos espaços públicos ainda não serem espaços confortáveis e seguros para as mulheres.

Com o intuito de entender o que os reais usuários daquele espaço urbano acham da Praça, perguntei para algumas pessoas que passavam sobre o local como elas se sentiam sobre aquele espaço. Tem quem ache que o muro presente na praça realmente cumpre um propósito, o de segurança daquele local, porém o sentimento de proteção só se torna efetivo quando os guardas do bairro presente se encontram no espaço, segundo a Seu Oliveira¹, um senhor que frequenta o local diariamente para praticar exercícios físicos.

Para Dona Cleide¹, a praça é ideal para passear com seus cachorros, onde ela os solta para “desestressarem”, visto que próximo a ela não possui nenhum parcão, espécie de parque para bichos, espaço destinado a animais onde eles podem brincar livres das coleiras. Ela reconhece que esse não é o espaço ideal, porém para ela os muros são ideais pois eles fazem com que os seus pets fiquem contidos. Assustada com sua fala, questionei se os animais que ela soltava eram os que estavam com ela, dois cachorros de porte médio para grande, constrangida respondeu que aproveitava para descer todos os dias às 16 horas, devido ao fato de possuir poucas pessoas no horário. Segundo ela, o único problema é quando nesse horário estão os usuários de drogas que ficam perturbando e afrontando ela e seus animais. Questionei se mesmo com a guarda presente ela não se sentia confortável, me respondeu “Que guardas, minha filha? Deu a hora do almoço e eles vão embora”.

Depois da fala de dona Cleide optei por abordar o público de uma maneira diferente, se antes eu perguntava se a pessoa frequentava a praça e o que ela achava dela, agora o questionamento era outro, “Se você tivesse que marcar de encontrar alguém você optaria pela praça Sarah Kubitschek ou pelo Calçadão de Copacabana?”. Antes a pergunta era feita a quem estivesse disposto a responder, porém depois para essa nova etapa eu filtrei a quem perguntaria, o meu público alvo na primeira etapa foram mulheres na faixa de 15-30 anos, normalmente esse é um público que tende a usar menos os espaços públicos em detrimento dos privados.

Para Silvana¹, moradora vizinha da praça, o espaço possui uma grande potencialidade porém pelo fato dele ser totalmente murado ela se sente insegura de ficar com seu filho na praça, o simples ato de levar a criança para tomar um banho de sol foi transferido para a orla, onde segundo a advogada, por mais que lá os furtos sejam frequentes, ela se sente mais segura caso precise de ajuda de alguém.

Por volta das 14 horas, abordei um grupo de meninas mais novas e às perguntei, Camila¹, de 16 anos, falou que nunca tinha ido aquela praça e que não verdade nem sabia que tinha uma praça ali perto, estávamos na calçada oposta ao objeto de estudo e que definitivamente preferia a orla. Já sua amiga, Joana!¹ de 16 anos, falou que “definitivamente o calçadão, pois aquela praça é muito bizarra”. Para as meninas, a orla apresenta mais atrativos, pois lá elas podem ficar vendo os meninos jogarem futevôlei, esporte onde as pessoas utilizam a rede de vôlei para jogar altinha.

Afinal além de um espaço para descansar e lazer, os espaços públicos também são essenciais para as relações pessoais, quantas vezes você não reencontrou uma pessoa que não via há muito tempo, ou então ficou paquerando alguém? A fala sobre a preferência da orla pela praça foi citada algumas vezes, por mais que elas possuem funções diferentes, a praça Sarah Kubitschek acaba sendo substituída pelo calçadão na maior parte das vezes.

Foi criado um formulário onde a mesma pergunta era realizada, “Se você tivesse que marcar de encontrar alguém você optaria pela praça Sarah Kubitschek ou pelo Calçadão de Copacabana?” e ele foi impresso e colado nos muros da praça a que todos que estivessem dispostos a responder havia um QR Code que direcionava a pessoa ao formulário. Como já esperado o formulário atingiu um público mais jovem. Assim como foi dito anteriormente, a idade que mais participou da pesquisa foram jovens entre 20-30 anos e em sua maioria mulheres. O espaço que mais foi escolhido foi a Orla, tendo aspectos como beleza e segurança os mais citados entre os entrevistados. Outro ponto interessante dessa pesquisa foi que apenas 5,17% das pessoas escolheram a Praça Sarah Kubitschek, e todos que responderam eram pessoas que se identificavam com o gênero masculino.

Esse dado foi interessante para reforçar que por mais que as mulheres não se sintam confortáveis e não ocupem os espaços públicos na maior parte das vezes, e que quando ela tem que escolher entre um e outro, ela sempre optará pelo espaço que tem mais gente e é que possua uma maior permeabilidade visual. “O calçadão me parece mais agradável e seguro, diferente da praça que passa uma sensação de desconforto.”, diz Gabriela¹, de 23 anos, porém para Pedro¹ a escolha foi a Praça, “A praça me parece mais agradável pela presença de sombras, além de ser mais tranquila para um encontro. Além disso, é rodeada de residências, o que me transmite mais segurança que a praia”. É interessante ver como os dois abordaram a questão da segurança porém tiveram perspectivas totalmente diferentes.

¹ Os nomes foram modificados para preservar a identidade do entrevistado

5. Considerações finais

O presente trabalho busca traçar diretrizes projetuais onde a praça se torne um espaço qualificado e verdadeiramente inclusivo, fazendo com que todas e todos se sintam confortáveis, sendo coeso e de qualidade. Como diretriz se torna essencial o estímulo da apropriação da população a Praça, permanecer com a vegetação existente, trazer mais da visão de bairro ligado a diversidade vegetal ao espaço, incentivar que as relações que ocorrem na orla possam se estender/extrapolar a quadra da praia, e o mais importante promover a segurança de todas e todos.

Ao criar uma área pública bonita, funcional e segura, o projeto tende a incentivar a mais pessoas a ocuparem as ruas, de uma maneira plena e mais ativa. Estimulando eventos culturais, esportivos e de lazer, assim como pensar no planejamentos de espaços de permanências verdadeiramente confortáveis, áreas multifuncionais, onde a criatividade da comunidade possa criar funções e novos espaços em áreas já “consolidadas”.

Assim como foi destacado ao longo de todo o trabalho, as cidades tem que ser projetadas para todas e todos, desenhar cidades mais acessível além de fazer o mínimo para uma parte da população que tende a ficar deslocada, conseguirá fazer com que mais faixas etárias e pessoas com mobilidade reduzida vivenciem mais os espaços públicos. O uso do paisagismo e do design urbano nos desenhos urbanos são essenciais não só para o embelezamento, como também respostas para problemas gerados.

Como ponto de partida, se torna essencial o desmonte do muro presente na praça, há outras maneiras de trazer segurança para os espaços públicos, e nessa nova perspectiva o usuário estará a frente, tudo será moldado sobre ele. O desenho do espaço se torna fundamental para evitar a criação de “becos”, visto isso se adotou uma postura de redesenhar a praça com linhas curvas para desfazer/evitar esse ângulos retos/existentes.

Foram propostos também espaços mais confortáveis para a permanência na praça, se queremos que as pessoas realmente utilizem aquele espaço, se torna extremamente necessário criar recursos e atrativos para trazer a população para a Praça. Bancos e mesas de concreto sem nenhum encosto e sem acessibilidade fazem com que o tempo médio de permanência das pessoas no ambiente seja reduzido.

Se propor a olhar de uma nova maneira para os espaços públicos, como a praça Sarah Kubitschek em Copacabana, e entre outros, faz com que nós arquitetas, urbanistas, mulheres, como parte da sociedade entenda uma parcela das injustiças sociais/ desigualdades d nos leve a questionar, explorar e buscar a reverter toda essa antiga ordem que excluía diretamente ou indiretamente dos espaços públicos. Por mais que esse seja apenas um trabalho de final de graduação, espero que ele possa gerar um desconforto e uma vontade de mudança em alguém. Espero que essa angústia que me foi introduzida desde criança, possa ser um fator de mudança para a sociedade. Que esse tipo de intervenção aumente a vitalidade dos espaços públicos, e que nós mulheres possamos ocupar o que sempre foi nosso, a rua!

Bibliografia

Administração da Cidade de Vienna

Amanajás, R & Klug, L. (2018). Direito à cidade, cidades para todos e estrutura sociocultural urbana. *A Nova Agenda Urbana e o Brasil: insumos para sua construção e desafios a sua implementação*, 1-16. Recuperado em 10 de outubro, 2023, de https://portalantigo.ipea.gov.br/agencia/images/stories/PDFs/livros/livros/180529_a_nova_agenda_urbana_e_o_brasil_cap02.pdf.

IBGE. Estatísticas de Gênero: Indicadores sociais das mulheres no Brasil. Brasília, DF: [s. n.], 2016. Recuperado em 5 de abril, 2023, de <https://bit.ly/2YUR1Dg>.

JACOBS, Jane. Morte e Vida de Grandes Cidades. Tradução: Carlos S. Mendes Rosa. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

Moraes, I, & Medeiros L. (2021). Gênero: você entende o que significa? Recuperado em 12 de maio, 2023, de <https://www.politize.com.br/vamos-falar-sobre-genero/#:~:text=%E2%80%9Cg%C3%AAnero%20%C3%A9%20um%20elemento%20constitutivo,.%E2%80%9D%20%E2%80%93%20Guedes%2C%201995>

SANTOS, S. (2022, Setembro). Feminismo, Arquitetura e Urbanismo. *Pixo*, v.6, n.23, p.10.

SARAIVA, A. (2017). Gênero e Planejamento Urbano: trajetória recente da literatura sobre essa temática. *XVII ENANPUR*, v.10, 1-19.

SCOTT, J. *Gênero: uma categoria útil para análise histórica.* 1986. In: **HOLLANDA, H. B. de.** (org.) *Pensamento Feminista: Conceitos Fundamentais.* Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. P. 49-80.

Sobreiro e Cruz, F. (2022). Mulheres em movimento: Territorialidade, participação comunitária e práticas de resistência na Favela da Rocinha, na cidade do Rio de Janeiro (2007-2021). Tese de mestrado, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

TAVARES, R. B. Indiferença à diferença: espaços urbanos de resistência na perspectiva das desigualdades de gênero. 2015. 230p. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, RJ, 2015.

YLLANA, T. S. Histórias não contadas sobre o Calçadão de Copacabana. *Oculum Ensaios*, [S. l.], v. 19, p. 1–18, 2022. DOI: 10.24220/2318-0919v19e2022a5322. Disponível em: <https://seer.sis.puc-campinas.edu.br/oculum/article/view/5322>. Acesso em: 28 maio. 2023.